

EDITORIAL

Este número de *Estudos Bíblicos* foi pensado a partir da Região Centro-Oeste do Brasil, mais precisamente, a partir do Bioma Cerrado. Mas possui colaborações do Bioma Caatinga (Pernambuco) e do Bioma Mata Atlântica (Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro), além de contemplar o conjunto dos Biomas do Brasil.

Olhar o país a partir do Bioma Cerrado permite a visão ampla e panorâmica da sua totalidade, como quem olha ao redor e, num giro rápido, pode observar os demais Biomas, ao Norte a Amazônia, ao Nordeste a Caatinga, a Leste a Mata Atlântica, ao Sul o Pampa e a Oeste o Pantanal.

Pensar a partir do Bioma Cerrado permite, diversamente, olhar na ótica dos demais biomas para o Centro do Brasil. Esse Bioma representa, certamente, um retrato dos demais, rico e diversificado, porém devastado e desprotegido. O segundo maior bioma brasileiro, após a Amazônia, em extensão, o bioma brasileiro mais antigo, em idade, dono da mais rica flora dentre as savanas do mundo, com uma das mais amplas biodiversidades do planeta, já teve mais da metade do seu território danificado. Mesmo assim, continua reconhecido como a “Caixa d’água do Brasil”, com riqueza de aquíferos, rios e fontes, com lagos maravilhosos e cachoeiras encantadoras. Suas árvores tortuosas, de casca grossa, afundam as raízes no solo, para oferecer flores e frutos de valor comestível e medicinal ainda não de todo conhecidos. Flores recobrem a extensão de seus campos, sem esquecer a esplendorosa florada dos ipês. Animais e insetos fervilham pelos campos e matas rasteiras, para enriquecer a fauna mundial e desenvolver o conhecimento científico, assim como o imaginário folclórico das populações.

Nessa perspectiva da defesa da vida nos biomas brasileiros se constitui o presente número da Revista *Estudos Bíblicos*. Os aportes colocam em diálogo a realidade dos biomas com os textos da Bíblia. Concentram-se sobre a Escritura Sagrada, para rever, aprofundar e propor interpretações. Em que medida a Bíblia pode ajudar na compreensão e defesa da natureza ameaçada? Certamente muito mais do que se tem feito ao longo da história. Em vista disso, nunca é demais visitar textos bíblicos como os da criação do universo e do ser humano.

A temática proposta, “Fraternidade e Criação”, vai ao encontro do tema da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica para o ano de 2017, “Cultivar e

guardar a criação” (Gn 2,15) e do lema da mesma “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”.

“A vida nos biomas do Brasil e de Israel” (Valmor da Silva) estabelece uma comparação entre esses dois biomas distantes e diversificados, mas com problemas semelhantes e desafios idênticos. O corpo do artigo expõe a geografia das terras bíblicas de Israel, enquanto o seu entorno apresenta uma síntese dos seis biomas brasileiros atuais, para finalizar com os três biomas predominantes do antigo Israel, a saber, deserto, estepe e bosque.

“Relendo Gn 1,28 em seu contexto: a questão ecológica e a des-brutalização das relações” (Mariosan de Souza Marques) é um estudo exegético que aprofunda principalmente o sentido dos verbos “submeter” e “dominar” (Gn 1,28), corrigindo leituras que possam levar à violência e brutalidade. Contextualiza a ordem divina no relato de tradição sacerdotal, original, sobre a criação do ser humano à imagem e semelhança do Deus criador.

“Cuidar e guardar da casa comum: um olhar a partir de Gn 2,15” (Rosemary Francisca Neves Silva e Guedds Sobrinho da Silva) apresenta uma discussão sobre o cuidado com a casa comum, tendo em vista a temática proposta na *Laudato Si'*, do Papa Francisco, retomada neste ano pela Igreja do Brasil por meio desta Campanha da Fraternidade: *cultivar e guardar a criação* (Gn 2,15). No que tange ao cuidado com a casa comum é plausível o questionamento sobre o consumismo, a destruição das matas, a não preocupação com a sustentabilidade, enfim o desperdício que acaba gerando a destruição do próprio ser humano e o não cumprimento do que é proposto desde o início da criação: cultivar e guardar, narrado em Gn 2,15.

“Espiritualidade e integridade da criação: uma nova percepção do ser humano a partir de Gn 2,4b.25” (Luiz Alexandre Solano Rossi e Érica Daiane Mauri) retoma o mandato de Deus “cultivar e guardar”, como a primeira tomada de consciência do ser humano, em vista de uma espiritualidade do cuidado da criação e salvação do cosmos. Alerta para atitudes mais harmoniosas e libertadoras e menos violentas e embrutecedoras.

“A ‘aliança com toda a carne’: perspectivas ecológicas na narrativa do dilúvio” (Paulo Sérgio Soares) estabelece a comparação entre a narrativa do dilúvio (Gn 9) e a da criação (Gn 1), para mostrar as suas inter-relações e concluir que ambas apresentam a mesma proposta de passagem do caos para o cosmo e, portanto, para a preservação da vida. Compete aos seres humanos a tarefa de conservar este restabelecimento da criação ameaçada.

“Ecosofia: olhar os pássaros e aprender com os lírios em busca de nosso lugar na comunidade da vida: uma leitura orante de Mt 6,24-34” (Moema Miranda) possui um viés mais prático e atual, em vista de uma nova visão ecológica, com base na ecofilosofia e na ecoteologia. Nesse sentido, aproxima a encíclica

Laudato Si' do texto de Mateus para fazer frente às catástrofes provocadas pela chamada “grande aceleração”.

A profecia da Terra e do universo: “A criação geme e sofre dores de parto” (Rm 8,22) (Marcelo Barros) concentra-se sobre o eloquente texto paulino para conclamar a ouvir a “profecia da Terra” e entrar na “comunidade da vida”, onde o processo de criação não cessa e onde o ser humano é chamado a participar. A própria ciência contribui para esclarecer o sentido profundo do texto bíblico.

De natureza rica e diversificada, com variação de gêneros e de estilos, o presente número quer contribuir para com a “Fraternidade e criação”, com votos de boa leitura e anseios de muito cuidado com a criação.

Rosemary Francisca Neves Silva
Valmor da Silva

